

## **PERIODIZAÇÃO COMO METODOLOGIA DE ANÁLISE REGIONAL: O CASO DA REGIÃO DE AMARGOSA – BAHIA**

### **PERIODIZATION AS METHODOLOGY OF REGIONAL ANALYSIS: THE CASE OF THE REGION OF AMARGOSA - BAHIA**

Robson Oliveira Lins <sup>1</sup>

Ricardo Bahia Rios <sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Nos últimos anos, o mundo tem passado por rápidas transformações. O acirramento da competição produtiva, comercial e financeira em escala internacional cria dificuldades para algumas regiões se adequarem aos novos processos econômicos, fazendo com que estas se reestruturem, promovendo profundas mudanças no perfil organizacional e produtivo do seu espaço. Desta forma, para entender a gênese e evolução do espaço regional de Amargosa até chegar a sua realidade atual, é essencial um esforço de periodização, ou seja, encontrar e desenvolver um panorama histórico contextualizado das suas transformações espaciais. Contudo, este artigo faz uma análise das relações sociais, construindo as estruturas espaciais pretéritas que possam indicar a gênese, decadência e/ou ascendência e dinâmica atual da região.

Palavras-chave: Região, Análise Regional, Organização do Espaço.

#### **ABSTRACT**

In the last years, the world has been going by fast transformations. The stimulus of the productive, commercial and financial competition in international scale creates difficulties for some regions that need to adapt to the new economical processes, promoting deep changes in the organizational and productive profile of their spaces. This way, to understand the genesis and evolution of the regional space of Amargosa until its current reality, it is essential an effort to find and develop a historical panorama contextualizado of their space transformations. However, this article makes an analysis of the social relationships, building the past space structures that can indicate the genesis, decadence and/or origin and current dynamics of the region.

Keywords: Region, Regional analysis, Spacial Organization.

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – E-mail: robsonlins@pop.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – E-mail: rrbahia79@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

O espaço é produto e manifestação da sociedade e expressa todas as contradições criadas e apreendidas nas relações sociais. Em cada momento histórico o lugar tem um papel próprio no processo produtivo, conforme bem apontou Santos (1996), assumindo uma transformação mais ou menos significativa de acordo com o desenvolvimento econômico-sócio-cultural e geográfico exercido por este processo, determinando, dessa forma, características peculiares, como a estrutura técnica e capital próprio.

Numa perspectiva geográfica, a produção – social e econômica – tem relação direta com o lugar e dele adquire uma parcela das condições de sua realização, e ao analisar uma região produtiva, devem-se levar estes critérios em consideração, pois os elos de uma síntese regional acontecem de forma articulada ao longo de cada momento histórico.

Milton Santos (1997) atesta a importância da dimensão histórica no âmbito da geografia, quando afirma que “a noção de espaço é inseparável da idéia de sistema de tempo”, ou ainda, que os elementos do espaço variam de acordo com o movimento da história. A essência do espaço é social e ao entendê-lo como uma totalidade, o autor propõe como recurso metodológico a divisão deste para melhor analisá-lo. Assim, os “elementos do espaço” mudam seu papel no sistema espacial a cada momento histórico e, neste sentido, ele reforça a importância da dimensão temporal na análise do espaço.

Desta forma, o espaço regional é resultado de uma lógica social que apresenta variações, ou de diferentes lógicas ao longo da história, ou seja, este é produzido e reproduzido enquanto produto histórico. Portanto, a análise deste necessita da leitura de suas particularidades históricas, uma vez que as estruturas atuais apresentam formas que expressam conteúdos sociais do passado.

Segundo Santos (2003), a questão é escolher as variáveis-chave que, em cada pedaço do tempo, irão comandar o sistema de variáveis, esse sistema de eventos que denominamos período. Eis o princípio a partir do qual podemos valorizar os processos e reconhecer as novidades da história do território. Segundo o mesmo autor:

Períodos são pedaços de tempo definidos por características que interagem e asseguram o movimento do todo. Mas essa interação se faz segundo um controle que assegura uma

reprodução ordenada das características gerais, isto é, segundo uma organização. É a falência desta última, açotada por uma evolução mais brutal de um ou de diversos fatores, que desmantela a harmonia do conjunto, determina a ruptura e permite dizer que se entrou em um novo período (SANTOS, 2003, p. 24).

A delimitação temporal ou periodização regional é um procedimento que possibilita traçar uma linha evolutiva das mais diversas relações espaciais vivenciadas por determinada região, segundo Diniz e Duarte (1983):

A periodização das relações sociais pela definição de processos regionais é necessária para dar ordem e compreensão à dinâmica da sociedade, considerando a interação entre os níveis daquela sociedade, sua complexidade, seu conteúdo e forma (DINIZ e DUARTE, 1983, p. 36).

Na elaboração de uma periodização dos processos regionais deve-se analisar as estruturas espaciais pretéritas e desta forma definir os marcos espaciais da produção. Estes segundo Diniz; Duarte (1983), são entendidas como a visualização das formas e relações estruturais do conteúdo espacial no tempo.

O que se propõe neste artigo é esboçar a provável trajetória do recorte espacial, que definimos como de Região de Amargosa, e através da sua historicidade e relações geográficas entendermos os processos de construção e desconstrução regional.

Tal reconstrução histórico-geográfica é baseada em dados relativamente pequenos de acontecimentos de natureza econômica e de grandes mudanças ocorridas na economia regional. Vale salientar que a pouca significância numérica de tais processos é causada pela insuficiência de dados de alguns dos períodos estudados. No entanto, julgam-se estes serem suficientemente relevantes para ajudar na concepção das linhas gerais do caminho percorrido pela região.

O procedimento adotado, já foi utilizado por alguns autores como, Diniz e Duarte (1983) e Neto (1997), e consiste na identificação de fatos e aspectos significativos da evolução espacial do objeto de estudo. Segundo Neto (1997), a constatação de momentos de afirmação regional, retração ou de transição é de grande valia para compor uma trajetória que auxilie a entender, ainda que de forma superficial, os traços mais relevantes de sua história.

Em outras palavras, mesmo que não sejam apreendidas todas as conexões entre as distintas fases pelas quais passou a região de Amargosa, é possível, no entanto, delinear alguns dos traços relevantes da sua trajetória e, assim, explicitar elementos que ajudem a entender sua situação atual.

Neto (1997) propõe que o primeiro passo a ser adotado é a concepção de uma periodização que, ao ser adotada como hipótese central do trabalho, permita articular os fatos isolados e servir de base para o exame mais detido de acontecimentos particulares.

No caso de Amargosa, o que se propõe é delinear sua trajetória a partir do seu desenvolvimento como Região cafeeira, no início do século XIX, acompanhar o seu percurso, identificando os fatos históricos que foram conformando e transformando esse espaço regional.

A periodização adotada decorre de pesquisa bibliográfica sobre a área de estudo e constatações encontradas em alguns trabalhos acadêmicos desenvolvidos sobre Amargosa. Neste quesito, ressaltamos aqui a dissertação de mestrado de Neto (2002) em *Uso, Manejo e Conservação do Solo e Água*, que enfoca a degradação causada pelas pastagens em Amargosa e, principalmente, o trabalho de Milton Santos e equipe (1963) que é a base principal para excursão histórica sobre o objeto de estudo.

## IDENTIFICAÇÃO DAS FASES REGIONAIS DE AMARGOSA

Na busca dessa abordagem relacional, entre a Geografia e a História o desafio aqui é trabalhar com diferentes momentos espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais e culturais característicos da Região de Amargosa, que permita uma compreensão processual e dinâmica de sua trajetória. Identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo e na sociedade.

Com base em Diniz e Duarte (1983) desenvolveu-se o empenho em identificar as fases mais relevantes pelas quais passou a região de Amargosa desde sua formação, no início do século XIX, até o começo do século XXI, consistiu na identificação de quatro momentos, assim sintetizados:

O primeiro momento incide na formação de um arcabouço regional fundamentado na cultura cafeeira, que impulsiona a organização espacial em torno de uma monocultura exportadora em meados do século XIX. Esta fase se caracteriza por criar uma dinâmica própria que estimula surgimentos de núcleos urbanos que geram uma força gravitacional na absorção de força de trabalho. Esta fase é denominada de *Gênese Regional*.

O segundo momento é chamado de *Consolidação Regional*. Este é marcado pela materialização da cidade de Amargosa como um centro regional de grande

importância política e administrativa. Neste período, estruturas logísticas foram criadas, como o Ramal da Estrada de Ferro Nazaré, que serviu para dinamizar a comercialização e exportação do café. Este período tem início no final do século XIX e perdura até os anos 1930.

O terceiro momento identificado, dentro do espaço regional de Amargosa, tem como limite temporal o final da década de 1930 e se estende até os anos 1970. Neste período, Amargosa vivencia uma série de acontecimentos que perpassa desde a mudança na política da produção do café, a perda do Ramal da Estrada de Ferro Nazaré e o relativo isolamento causado pela construção das BR 101 e BR 116, que deixa o município de fora do entroncamento rodoviário. A esta fase é definida como “ilha de inércia”, denominação dada pelo Prof. Milton Santos no ano de 1963, devido a sua estagnação econômica e social.

O quarto momento consiste na tentativa de superação da fase anterior. Amargosa procura diversificar sua economia e recebe novos vetores de transformação, como o turismo e a recente implantação do campus da Universidade Federal do Recôncavo. A esta fase denominamos de *Reestruturação Regional*. A principal característica dessa fase é a retomada do crescimento do município que reaparece não mais como centro principal, e sim como um sub-centro subordinado ao município de Santo Antonio de Jesus, ou seja, a região agora é incorporada a área de influência deste.

Este breve histórico da Região de Amargosa proporciona um reconhecimento geral dos mecanismos e eventos que geraram o desenvolvimento, posterior retração econômica e um esboço do atual cenário regional. Contudo, este resumo histórico não deve encerrar o tratamento da questão, e, sim, apresentar-se como seu ponto de partida para um entendimento das relações dos processos históricos que regulam a formação e organização espacial de Amargosa.

Todavia, o desvendamento das lógicas geratrizes que se encarregaram de rearticular ou de recombinar os elementos espaciais da Região de Amargosa estão atreladas à própria estrutura social e à dinâmica das cidades, culminando numa configuração própria associada a um contexto espaço-temporal, onde cada período identificado possui um padrão espacial próprio, configurando forma e estrutura particulares que representam em importantes marcos espaciais. Diniz e Duarte (1983), afirmam que:

Os marcos espaciais estão para o espaço regional como os marcos temporais estão para os processos regionais. Não há uma dicotomia entre espaço e tempo. Um está contido no outro. Os marcos

espaciais são a visualização das formas e relações estruturais do conteúdo espacial no tempo. Não se pode fazer um só marco espacial e lê-lo como a construção de um período dos processos regionais. É a comparação entre eles que permite entender as transformações ocorridas nos processos regionais que tiveram uma dimensão, um conteúdo espacial (DINIZ e DUARTE, 1983, p.66).

Nessa perspectiva, a interpretação diacrônicas deste artigo, revelam os momentos de formação, afirmação, instabilidade e, conseqüentemente, os movimentos de mudança na organização espacial. A percepção dessa organização espacial resulta da análise empírica apoiado em uma abordagem histórica, reconhecendo as consecutivas fases de configuração e reconfiguração da Região de Amargosa, mediante o processo de formação e diferenciação entre as principais cidades que fazem parte ou que influenciam a região.

### **GÊNESE REGIONAL (1840 A 1889)**

Nesse período, ocorreram as primeiras imigrações das famílias italianas para essa região. A importância da imigração e colonização européia no final do século XIX está presente, particularmente, na cultura de Amargosa e nas construções ainda existentes, sejam elas italiana, portuguesa ou espanhola que se estabeleceram na cidade. A maioria entrou no comércio com os armazéns de secos e molhados – empórios, na exportação e importação e na área rural com plantio de café. Essa imigração não foi organizada como em outras regiões do Brasil, que houve inclusive incentivos para se estabelecerem, ou seja, se constituiu numa forma espontânea de povoamento.

Merece ressaltar também a importância dos africanos que chegaram à região na condição de escravos para executarem os trabalhos na cultura do café. As marcas desse povo estão em toda parte, seja na religiosidade, ritmos musicais e na forma de produção das culturas de subsistência, principalmente, na cultura da mandioca.

Em termos empíricos, essa primeira fase – Gênese Regional – corresponde ao povoamento e surgimento de núcleos urbanos do território, que definimos como Região de Amargosa. A estrutura regional que começa a ser montada neste período tem como base econômica a exploração de atividades primárias, voltadas para o mercado externo, culturas como cana-de-açúcar, fumo e café, configuram-se como principais produtos da região, sintetizados assim por Santos (1963):

Algumas culturas tradicionais do Recôncavo ali se instaram: em pequena escala, a mandioca e a cana

de açúcar. O fumo, a mais antiga dessas lavouras, é mais intensamente cultivado; parece que, recuou para o litoral na segunda metade do século XVIII, atingindo o município de Castro Alves, depois Amargosa. O café sombreado veio de Maragogipe e espalhou-se, largamente, pelas encostas Íngremes, que foram plantadas como culturas de subsistência e para alimentar pequenas casas de farinha, alambiques e engenhocas de fraca produção [...] (SANTOS, 1963, p. 8).

O café, no entanto, torna-se, em curto espaço de tempo, o produto-base da economia da região. Este encontrou alguns fatores que favoreceram sua expansão geográfica dentro do espaço regional de Amargosa, entre eles podemos citar:

Os fatores naturais – o cafeeiro, arbusto onde se é extraído o café, se adaptou bem ao clima e relevo da região, principalmente nas zonas de terras altas de topos aplainados coberta por uma vegetação que segundo Santos (1964), era denominada pelos nativos de “mata fina”, onde se desenvolveu a cultivo do café sombreado.

Alto valor econômico do café – a alta cotação do café no mercado internacional, no fim do século, estimula os grandes proprietários da região a investir na lavoura cafeeira.

O tipo de povoamento da região – os imigrantes europeus, que ali se estabeleceram, tinham experiências no plantio e comercialização do café. Outro evento que também facilitou bastante a expansão do café na região está no fato dos africanos e dos retirantes nordestinos estarem habituados a trabalharem na terra e ao mesmo tempo constituírem uma fonte de mão-de-obra abundante e de baixo custo.

Em resumo, o cenário estava montado para o florescimento de uma nova e importante região agrícola dentro do Estado da Bahia no final do século XIX, organizada em torno de um produto de exportação, até então, com grande poder de gravitação econômica, política e populacional que gradualmente dinamizava as relações espaciais, criando infra-estrutura para sua produção e comercialização. Nesse período, o já município de Amargosa, apresenta-se como o centro desta nova região de economia basicamente cafeeira e, em menor escala, o fumo. O aprofundamento desta dinâmica espacial irá gerar uma nova fase na região denominada de Consolidação Regional.

### **CONSOLIDAÇÃO REGIONAL (1890 A 1940)**

Nesta fase na Região de Amargosa intensificam-se as relações espaciais dentro da lógica da economia

cafeicultura. Todos os aparatos técnicos e administrativos são voltados para dar suporte à produção e comercialização deste produto. Desta forma, a região se insere dentro da economia hegemônica vigente no país no começo do século XX, onde o café se configura como sinônimo de progresso e contribui decisivamente para o desenvolvimento de algumas regiões brasileiras, no local onde se estabelecia gerava riquezas e estimulava o surgimento de infra-estruturas.

A cafeicultura motivou importantes transformações no espaço brasileiro, várias estruturas foram montadas no sentido de obter uma integração maior do país, do ponto de vista financeiro e das comunicações. Segundo Clécia (2004), a integração financeira, neste período, se fez principalmente por meio do grande avanço do sistema bancário motivados pela cafeicultura.

Na Bahia o café se desenvolve na região do Recôncavo Sul, no vale do Jiquiriçá, onde encontra um cenário natural propício para o seu cultivo. Nesta região o café cresceu, derrubou matas, desbravou parte das terras, em seu caminho criou infra-estruturas e prosperidades. Na região do Vale do Jiquiriçá, esta lógica desenvolvimentista teve rebatimento mais forte no município de Amargosa, onde as fazendas de gado, café e fumo prosperavam rapidamente, vivenciando seu período áureo, centro dessa nova região agroexportadora. Segundo Santos (1963) o sítio urbano de Amargosa se desenvolve em uma zona de transição da mata para a caatinga, cercada por diversas fazendas de café, mas onde, também, se cultivavam cana-de-açúcar, fumo, mandioca e cereais.

## **REFLEXOS DA CONSOLIDAÇÃO REGIONAL NA ORGANIZAÇÃO DO SÍTIO URBANO DE AMARGOSA**

A materialização da prosperidade vivenciada pela sociedade de Amargosa é evidenciada no seu sítio urbano. Ao procurar entender seu espaço citadino, podemos iniciar uma análise da paisagem, que apontem os processos de constituição do passado (como a existência de edifícios, marcos arquiteturais ou ainda “resíduos” de infra-estrutura). Segundo Sassen (1998), a cidade é resultante de um processo histórico que, pelas relações existentes, produz materialidades espaciais que podem permanecer ou desaparecer ao longo de seu desenvolvimento. Em Amargosa, as marcas do passado estão bem presentes em seu ambiente urbano e refletem o que foi delimitado como período de “Consolidação Regional”.

A cafeicultura, enquanto conteúdo sócio-econômico

foi decisiva para a definição da estrutura urbana de Amargosa. O acúmulo de capital gerado pelo café possibilitou o remodelamento paisagístico da cidade, com incremento da sua infra-estrutura - praças, ruas e avenidas - dentro da proposta paisagística de Cidade-Jardim, em voga na Inglaterra no início do século XX.

Durante esse período, houve também a instalação de diversas indústrias, hotéis de luxo e teatros. Amargosa passou a ser considerada durante vários anos como a “pequena São Paulo” (NETO, 2002).

O crescimento da cidade através da economia agroexportadora, baseada no café e em menor escala o fumo, tomou força e conseqüentemente criou-se a necessidade de maior fluidez de pessoas e mercadorias. Atendendo a esta demanda, foi construído no ano de 1892 o Ramal da Estrada de Ferro de Nazaré, interligando Amargosa ao porto de Nazaré. O objetivo consistia em otimizar o escoamento de produtos agrícolas da região e facilitar o comércio com a Europa e os grandes centros. Antes da ferrovia, havia grandes dificuldades em escoar a produção agrícola e de adquirir manufaturados. A implantação da ferrovia significou aumento de progresso e desenvolvimento urbano, social e econômico para a cidade e toda a região.

O intenso dinamismo das atividades agrícolas e a localização geográfica estratégica transformaram o município de Amargosa em pólo regional de grande importância, funcionando como entreposto comercial entre a zona da mata e o sertão. Santos (1963, p.08), descreve tal característica da seguinte forma:

Naquela época, Amargosa mantinha influência de centro regional, por ser boca de sertão e ponta de trilho da Estrada de Ferro Nazaré, que a ligava com Santo Antônio de Jesus, Nazaré e com o Recôncavo, tendo a função de entreposto comercial de uma vasta área sertaneja (SANTOS, 1963, p. 08).

A característica de “boca de sertão” se materializava na feira livre da cidade. Localizada no seu centro, sua origem é bastante antiga tem a ver com o surgimento do próprio núcleo urbano, ganhando mais importância com a construção da estrada de ferro. De acordo com Weber (1979) “o aparecimento das cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial”.

Importante elemento concentrador do fluxo de pessoas e mercadorias, a feira livre, intensificava as relações comerciais e sociais de Amargosa com os municípios vizinhos, atendendo os habitantes locais e

também viajantes, oriundos de outros pequenos e grandes núcleos urbanos que se deslocavam para a cidade para vender e comprar mercadorias. Sempre funcionando aos sábados, os produtos ali comercializados – carne seca, farinha, frutas, cereais, entre outros - advinham das áreas interioranas da Bahia e da própria região de Amargosa, onde eram negociados no mercado local e escoados para zonas litorâneas através da ferrovia. Pode-se afirmar que a feira livre, é um dos elementos significativos que contribuíram para tornar Amargosa em centro urbano dinâmico polarizador de seu entorno.

Além do mercado formal de produtos populares, o reflexo da prosperidade pode ser traduzido também na infra-estrutura comercial, através dos vários armazéns compradores, assim como de escolha, enfiamento e exportação do café que surgiram neste período. Os armazéns e representantes, instalados em Amargosa ainda compravam a produção agrícola exportável de Brejões, Santa Inês, São Miguel das Matas e outros municípios (SANTOS, 1963). Muitos desses armazéns possuíam filiais na Europa os quais facilitavam o comércio, já existente, entre Amargosa e os países daquele continente, sobretudo a França.

Pode-se citar como exemplo a Casa Paris na América, do Sr. Pedro Calmon Freire Bittencourt, que possuía filial em Paris. Esta constituiu num modelo da articulação comercial existente entre a França e o município de Amargosa. A relação comercial se materializava através da exportação de produtos agrícolas, por parte dos comerciantes Amargosa, e na outra ponta, a França, de economia industrial, que comercializava artigos manufaturados. Desta forma, Amargosa desempenhava o papel de fornecedor de produtos agrícolas, e ao mesmo tempo, de mercado consumidor de artigos industrializados como: tecidos finos, perfumaria, móveis de luxo, entre outros artigos sofisticados.

O Estado se fez presente com a instalação de uma agência do Banco do Brasil em Amargosa (principal instituição financeira nacional da época). O banco buscou fomentar o desenvolvimento regional, através de incentivos financeiros à produção agrícola. Em Amargosa, o Banco do Brasil, estimulava o aumento sistemático dos investimentos rurais, inclusive para armazenamento e beneficiamento da produção do café e do fumo, por meio de Carteira de Crédito Agrícola e Industrial (CREAI), viabilizando atividade agrícola para o pequeno, médio e grande produtor.

A prosperidade de Amargosa criara uma sociedade local importante e bastante influente com filhos ilustres dentro do cenário nacional a exemplo de Pedro Calmon,

educador, político, historiador e primeiro Reitor da Universidade do Rio de Janeiro; Francisco Waldir Pires de Sousa, ex-governador do estado da Bahia, ex-deputado estadual e federal e ex Ministro da Defesa do Governo Federal; William Andrade Patterson, jurista renomado, Desembargador e ex-presidente do Supremo Tribunal de Justiça - STJ; Diógenes Sampaio, químico e ex-professor da Universidade Federal da Bahia; Luiz Sande de Oliveira, economista, professor, ex-presidente do BNDES e do BNH, ex-secretário de Fazenda do município de Salvador e do Estado da Bahia; entre outros.

A influência política que Amargosa exercia sobre os demais municípios vizinhos era bem latente. Em relação aos seus vizinhos, Amargosa possuía especificidades políticas que garantiam uma relativa autonomia econômica e administrativa. As forças pretéritas dominantes atuaram modelando o cenário regional em torno do empreendedorismo, refletido, principalmente, na infra-estrutura urbana, colocando a Região de Amargosa “a frente de outras regiões baiana, gozando de elementos de progresso” (SANTOS, 1963).

Neste sentido, pode-se afirmar que o tripé; localização estratégica, economia cafeeira e a criação do Ramal da Estrada de Ferro Nazaré constituem em elementos-chave, que combinados promoveram a ocupação e florescimento econômico da região de Amargosa no período que vai de 1890 a 1940. Sua localização, com foi vista, lhe conferiu característica de entreposto comercial. A economia cafeeira, proporcionou-lhe o acúmulo de capital necessário para motivar importantes transformações no espaço regional, culminando na implantação da estrada de ferro, que possibilitou uma maior fluidez econômica. Santos (1963), descreve o período da seguinte forma:

Em 1890, Amargosa comerciava 200.000 sacas de café e já se definia como capital regional. Tal posição foi acentuada com a conclusão, em 1892, do Ramal de Amargosa da Estrada de Ferro de Nazaré, pois se tornou uma cidade ponta de trilho, fundo de um funil, por onde escoavam os produtos, principalmente o café, com destino a Nazaré, que os comercializava com a Europa. Seu rápido desenvolvimento assinalado, no começo do século atual foi uma consequência direta desta sua condição de cidade ponta de trilho. Amargosa absorvia, então, não só a produção regional, mas, também, a do Sertão baiano (SANTOS, 1963, p.27).

Enfim, os agentes espaciais do desenvolvimento regional em Amargosa, através de um intrincado conjunto de ações públicas e privados, internos e externos, colaboraram na promoção de iniciativas locais que se desdobraram em eficiência econômica e ascensão social

em Amargosa.

A partir da década de 1940, essa realidade começa a se modificar drasticamente. Em conseqüência de variáveis exógenas, a produção do café, produto “único” de exportação, sofre mudanças na sua política de beneficiamento e afeta de forma negativa a economia regional, a partir deste episódio é desencadeada uma série de eventos que levam o prof. Milton Santos a caracterizar a Região de Amargosa como uma “Ilha de inércia”.

O período seguinte a ser analisado corresponde ao das modificações ocorridas no espaço regional de Amargosa que levaram ao seu declínio. Nessa perspectiva colocam-se algumas questões para a reflexão acerca desta fase turbulenta: Quais são as lógicas que se encarregaram de desencadear a passagem de um padrão de organização espacial, resultando no movimento de decadência da Região de Amargosa? Em que condições ocorreram esse declínio? Essas questões serão abordadas no tópico a seguir.

#### **“ILHA DE INÉRCIA”: AMARGOSA E O CENÁRIO NACIONAL (1941 A 1970)**

Assim como na fase anterior, para entender o período caracterizado como “Ilha de Inércia” é necessário rever os alicerces da economia brasileira naquele momento histórico. O que se pretende aqui é contextualizar o espaço regional de Amargosa dentro do cenário nacional. Deste modo, na medida em que for explicitado o panorama de instabilidade econômica vivenciado pela cafeicultura no final da década de 1930, pode-se apreender a seqüência de eventos que levaram ao declínio da região de Amargosa, que outrora era expressiva no cenário econômico baiano.

Como foi explicado, no período anterior, Amargosa desfrutava de grande prestígio econômico e político e ocupava a posição de centro de uma região de economia agroexportadora baseada na cafeicultura. Por conseguinte, sua economia encontrava-se bastante atrelada ao mercado internacional, estando, portanto, sujeita às suas oscilações. Seguramente, a condição de centro regional estava condicionada entre outros fatores já citados, mas, principalmente, na valorização do café, principal produto de exportação brasileira. Logo, o café se mantivesse com alta cotação no mercado externo, a região provavelmente manteria sua prosperidade. Deve ressaltar que a herança social fundada na monocultura deixa a estrutura produtiva região bastante rígida. A inexistência de investimento no sentido de diversificar produção deixa Amargosa bastante vulnerável dependendo exclusivamente do café como

sustentáculo econômico.

A prosperidade da cafeicultura começa a mudar a partir de 1929, com a quebra da Bolsa de Nova York, que atinge diretamente o mercado internacional do café.

A queda do rendimento de cafeeiros, a crise de 1929, a consecutiva baixa de preços vieram enfraquecer os agricultores médios e aniquilar os pequenos.

Mais tarde, às exigências impostas pelo Instituto Brasileiro do Café para preservar a qualidade do café exportado viriam agravar as fraquezas, já à mostra, de uma zona descapitalizada, pois os lucros iam para fora às mãos dos comerciantes de Nazaré e Salvador. A revolução técnica exigida pela necessidade de equipamentos modernos (despolpadores etc.), tornou-se impossível aos agricultores sem poupança, enquanto o preço do produto comum continuava a baixar. Por outro lado, a própria lavoura não se modernizava porque os rendimentos não eram compensadores, agravando, assim, a decadência. (SANTOS, 1963, p.38)

Como se pode perceber, a técnica de despolpamento do café requer aquisição de equipamentos e de conhecimentos técnicos. Os impactos trazidos com a introdução desta nova técnica aliada à desvalorização do café no mercado internacional atingem, de forma negativa, a região de Amargosa, que observou uma queda na produção de café associado a essa nova política de beneficiamento exigida pelo IBC, como bem analisou Santos (1963).

Enfim, estes três eventos combinados resultaram na estagnação econômica e na decadência das estruturas regionais de Amargosa. O relativo isolamento causado pela debilidade de sua estrutura viária e o fato das regiões em seu entorno ganharem maior dinamismo, levou o prof. Milton Santos, no ano de 1963, a caracterizar Amargosa como uma “ilha inércia”.

Para resumir tudo em uma frase, diremos que a região de Amargosa que, em determinado período, se colocou à frente de outras regiões baianas, gozando de todos os elementos do progresso, então atuais perdeu, em seguida o élan. Por isso, não pôde acompanhar a evolução registrada em toda parte, seja no sistema de sua comunicação com as áreas externas (os transportes), seja no da própria atividade interna (a cultura do café, o plantio da cana-de-açúcar e indústrias correspondentes permaneceram arcaicos, enquanto as lavouras de mandioca e do fumo continuam a ser feitas por gente pobre em pequeníssimos pedaços de terra, nem sempre de propriedade do lavrador e segundo as técnicas centenárias (SANTOS, 1963, p. 36).

O período que será abordado a seguir incide na tentativa da região Amargosa em superar a estagnação ou arcaísmo assinalado por Milton Santos. A próxima fase

nomeada de Reestruturação Regional marca, portanto, a nova organização do espaço regional, em que o município de Amargosa se configura como centro complementar em relação ao município de Santo Antonio de Jesus, agora principal cidade da região estudada.

### REESTRUTURAÇÃO REGIONAL (1971 A 200...)

Para entender esta nova etapa da região é preciso apreender os novos paradigmas de organização do espaço mundial, principalmente a partir do final da década de 70, em que as transformações deste ocorrem de maneira mais dinâmica. As teorias e políticas de desenvolvimento regional e local também sofreram profundas transformações, devido às modificações ocorridas nos processos produtivos.

Este novo período é denominado por Santos (2000) de técnico-científico-informacional, devido ao relevante papel da ciência, da tecnologia e da informação, tomando o espaço mais fluido a serviço do capital. O casamento entre a ciência com informação levou a mundialização mais efetiva da economia, exigindo das regiões uma maior conectividade e fluidez de informação, pessoas e mercadorias. Para Santos (2000) essa transformação de uma fluidez potencial numa fluidez efetiva, por meio da velocidade exarcebada, serve ao exercício de uma maior competitividade econômica entre os lugares.

A maior participação de determinada região nesse mercado global reflete o seu grau de atratividade para um novo tipo de capital que, usufruindo do avanço dos meios de comunicação, desloca-se com maior rapidez em busca dos melhores ganhos, levando o declínio de algumas regiões e à rápida ascensão econômica de novas regiões, principalmente nos países periféricos.

O Brasil se insere nessa lógica da economia global, segundo Fonseca (2006), através do modelo fordista que estimulou países do terceiro mundo a aliam-se ao capital internacional, através da contratação de investimentos diretos, configurando-se o que viria a se chamar de "fordismo periférico". Nesse contexto, o governo brasileiro passou a construir um amplo programa de reordenação da economia nacional, tendo como base a estruturação de mecanismos de financiamento, a ampliação da matriz energética e a exploração e refino do petróleo. Em consequência, veio a estruturação do sistema de transporte, a partir da construção de grandes rodovias de integração nacional, que a rigor eram convenientes aos grandes grupos transnacionais representados e liderados pelo setor automobilístico e siderúrgico.

Com a abertura das estradas de rodagem, ao lado da aceleração do processo industrial nacional surgirá uma nova espacialização, uma outra regionalidade, outras formas de integração inter-regional. Estes sistemas de engenharia, segundo Silveira apud Souza (1995) produzem os movimentos interessando diretamente a divisão territorial do trabalho são seletivos e, portanto segregadores.

Neste cenário de alta competitividade, a região baiana do Recôncavo Sul vivencia uma fase aguda de declínio de suas bases produtivas. O açúcar e o fumo, principais produtos da região deixam de ser rentáveis devido ao aumento da concorrência de outros estados, e até de outros países. Os baixos preços pagos pelo mercado internacional para estes produtos, sobretudo pela fraca absorção de tecnologia em suas unidades transformadoras, contribuíram bastante para a estagnação econômica.

Paralelamente, o processo de implantação do sistema rodoviário na Bahia, com o traçado das principais "vias-tronco" privilegia e ajuda a desenvolver outras áreas próximas à capital, principalmente com as implantações do Pólo Petroquímico de Camaçari e do Centro Industrial de Aratu. Estes aprofundam ainda mais a crise econômica do Recôncavo Sul baiano, uma vez que concentraram em sua periferia uma população procedente de diversas áreas do estado, inclusive do próprio Recôncavo, esvaziando assim as principais cidades desta região.

É a partir dessa realidade que encontramos a nova configuração da região de Amargosa. Sua organização espacial é resultado deste novo funcionamento do território, orientado por forças exógenas de naturezas diversificadas nos campos políticos, econômicos e sociais. Esta reformulação da organização sócio-espacial da região foi desencadeada por um rearranjo de variáveis no final da década de 1930, visto que se criou, na região, uma nova base econômica e de infra-estrutura direcionada a um novo modal de transporte – rodoviário – que representou no esvaziamento da sua importância econômica e no surgimento de centros regionais mais dinâmicos, tais como: Feira de Santana, Jequié e Santo Antônio de Jesus.

Entretanto, na atualidade, a região de Amargosa é uma interseção de regiões com centralidades distintas (Jequié, Feira de Santana, Santo Antonio de Jesus e Salvador), onde a cidade de Amargosa se insere como um centro não predominante. Boa parte da centralidade de Amargosa se deve, em parte, por estruturas criadas durante o auge econômico da lavoura cafeeira.



## CONCLUSÃO

Neste artigo fica evidente que em cada momento histórico da região de Amargosa houve um período de crescimento mais rápido das forças produtivas seguido de um período de estagnação. Essas disparidades dão um caráter de expansão ou compressão a toda uma época histórica e conferem distintas proporções de desenvolvimento.

Desta forma a região de Amargosa é fruto de diferentes períodos históricos que lhe conferiram distintas proporções de desenvolvimento e de organização espacial que se modificaram entre os múltiplos fatores da história, no qual as características de uma etapa inferior de seu desenvolvimento social e econômico se misturam com as de outra, superior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLÉSIA, M.D. Café: histórico, negócios e elite. São Paulo: OLHO D'ÁGUA, 2004.
- DINIZ, J. A. ; DUARTE, A. C. (coord). A Região cacauceira da Bahia. Recife, SUDENE, 1983.
- FONSECA, Miguel C. Aspecto do desenvolvimento regional do recôncavo no sul baiano: o caso do município de Cachoeira Bahia - Brasil. 2006. Tese (Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional) - Faculdade de Geografia e História, Universidade de Barcelona, Barcelona.
- SASSEN, S. As cidades na economia mundial. São Paulo: Nobel, 1998.
- SANTOS, Milton (Coord). A Região de Amargosa. Bahia: Comissão de Planejamento Econômico, 1963.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- \_\_\_\_\_. Espaço e Método. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.
- \_\_\_\_\_. Economia espacial. São Paulo: Edusp, 2003.
- \_\_\_\_\_. Por uma outra globalização. São Paulo: Record, 2000.
- SOUZA, M.L. de. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org). Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- NETO, R.L. Caracterização da degradação e resposta de pastagens com *Brachiaria decumbens* Stapf: à interação de N:P na região de Amargosa - BA. 2002. 131f. Dissertação (Mestrado em Uso, Manejo e Conservação do Solo e Água) – Universidade Federal da Bahia, Cruz das Almas, 2002.
- NETO, L.G. Introdução à formação econômica do Nordeste. Recife, Fundaj/Massangana, 1997.
- WEBER, Max Capitalismo e sociedade rural na Alemanha. In: Ensaios de Sociologia. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.